



<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/pedro-silveira-florestas>

Caminhando pelos manguezais do fim do mundo

Pedro Castelo Branco Silveira¹

RESUMO: Proponho compartilhar com o leitor a experiência de caminhar ao longo das florestas fluidas e lunares dos manguezais do Nordeste do Brasil, com suas relações socioecológicas, a partir de minhas práticas de pesquisa em acompanhar caranguejeiros e outros pescadores artesanais que fazem do manguezal um espaço vital. Comentando sobre a produtividade ecológica das áreas estuarinas e a sua importância histórica e contemporânea para as populações de origem afro-indígena, aponto as forças antropocênicas de destruição e contaminação dos manguezais, que tornam a experiência de caminhar nos manguezais a de relacionar-se com uma diversidade contaminada que teima em se regenerar e abrigar a autonomia humana.

PALAVRAS-CHAVE: manguezal; etnografia multiespécie; antropologia da paisagem; caranguejos; pesca artesanal.

Walking through the mangroves in the end of the world

ABSTRACT: I propose to share with the reader the experience of wandering through the fluid and moon-driven mangrove forests in the Northeast coast of Brazil, and its social-ecological relations. I write from my research practices of coming along with crab fishermen that make the mangrove a vital space. I comment about the ecological productivity of estuarine areas and its historical and current importance for the afro-indigenous population. I also point to the destructive and contaminant anthropocenic forces that turn the experience of walking through the mangrove into the experience of relating to a contaminated diversity that insist in regenerating and housing human autonomy.

KEYWORDS: mangrove; multispecies ethnography; landscape anthropology; crabs; small-scale fisheries.

A maneira mais comum de se caminhar através do manguezal é enfrentar a textura da lama nas canelas ou nos joelhos. Aprendi que para se ter sucesso é preciso manter um



passo ritmado, lento, porém não lento demais. Aceitar que os pés afundam ao se pisar, porém retirá-los da lama antes que fiquem demasiado presos.

É preciso estar com os pés protegidos por calçados de solado resistente. Os caranguejeiros costumam usar botas de borracha ou fabricar calçados artesanais usando lona de caminhão ou outro material que não rasgue ao se pisar numa ostra ou outro corpo afiado aderido às raízes das árvores de mangue. As árvores de mangue vermelho (ou sapateiro ou, ainda, gaiteiro), *Rizophora mangle*, apresentam suas raízes aéreas, chamadas pneumatóforos, bastante robustas. Nos lugares do manguezal com árvores de *Rizophora* em grande densidade, ou ao longo de uma lama muito movediça, é preferível um estilo de caminhada diferente, pouco tocando o chão, equilibrando-se sobre as raízes. Andar por cima dos rizóforos, calculando os saltos, é um outro exercício humano de habilidade e confiança.

Os caranguejos-uçá andam com facilidade por cima e por dentro da lama. Cavam buracos onde se alojam, saindo diariamente durante a maré baixa para se alimentar das folhas em decomposição das árvores. Na maré alta, quando a água cobre a lama, os caranguejos permanecem dentro dos buracos.

Outro tipo de caranguejo do manguezal, o aratu, pequeno e vermelho-vivo, também anda sobre a lama. Às vezes se esconde nos buracos dos uçás, mas seus movimentos vitais são entre o solo e a copa das árvores, onde repousam durante a maré alta. Por serem curiosos, uma técnica de capturá-los é emitir ruídos, assobiando ou batendo nas árvores até que se aproximem.

Guaxinins visitam os manguezais para comer os caranguejos, é fácil identificar suas pegadas na lama. Pescadores me contaram que um dos métodos de captura usado por esses mamíferos é enfiar seu rabo peludo na toca do caranguejo e trazer o bicho agarrado a ele. Por isso, dizem, muitos guaxinins dos manguezais têm o rabo danificado.

Outros mamíferos visitam os manguezais da costa do Brasil, como raposas, lontras, macacos e peixes-bois. E aves, migratórias ou não. E algumas espécies de serpentes, como as jiboias. E jacarés-de-papo-amarelo, por aqui, e grandes crocodilos, em outros manguezais. O escritor Amitav Gosh (2008) conta que os gigantescos manguezais dos



Sunderbans, na divisa da Índia com Bangladesh, são habitados por tigres de Bengala acostumados a comer seres humanos. O mangue é uma paisagem multiespécie (Tsing, 2019), saturada de relações de maravilha e perigo.

Nos manguezais atlânticos, os riscos ao andarilho são menores. São comuns colmeias de abelhas e casas de marimbondo, e diversas espécies de muriçocas. Não conheço o gosto do mel de flor de mangue. Sei, no entanto, que ao se andar no manguezal, as grandes colmeias podem ser um perigo para os humanos, e que é bom fazer silêncio e agir com respeito. Aprendi também que há um tipo de formiga que sempre constrói seu formigueiro ao lado da casa de uma certa espécie de marimbondo, talvez para se protegerem mutuamente. Nunca tomei uma picada de marimbondo do mangue, mas ouvi histórias de que são doloridas. Já as muriçocas, nuvens delas infernizam a vida dos humanos que adentram a lama. Caranguejeiros costumam usar mangas compridas de tecido grosso, chapéus que cobrem as orelhas e calças. Usam também latas ou painéis com alças adaptadas de arame, onde levam cascas ou gravetos secos fumegantes, para ajudar a espantar os insetos. Alguns caranguejeiros usam óleo diesel no corpo, como repelente, prática que tem sido evitada pelas consequências para a saúde.

O manguezal é a floresta de uma paisagem líquida, fluida, em fluxo. Uma paisagem estuarina, da encruzilhada entre a o mar, o rio e a terra. Floresta pronta para receber o sal marinho que chega e vai embora duas vezes por dia com a água que cobre e descobre a lama no mesmo ritmo. As árvores de mangue têm glândulas de excreção de sal. Excesso de sal, excesso de água, excesso de matéria orgânica. Vida em excesso se produzindo em ciclos lunares. O manguezal é a mais lunar das florestas.

Habitar o manguezal é produzir essa paisagem (Ingold, 2000). A lama, solo do manguezal, não se sustenta coesa sem a estrutura das raízes do mangue vermelho, ou de outras árvores como a siriúba ou canoé (*Avicennia*) e o mangue branco (*Laguncularia*). As raízes das árvores de mangue aglutinam o solo do manguezal, e sustentam-se uma à outra, apoiando-se mutualmente por todos os lados. Nas raízes de mangue vermelho nascem ostras e sururus.

Andando com marisqueiras num manguezal de Pernambuco, me mostraram escondidos por entre as raízes de mangue pequenos juvenis de mero, peixe ameaçado de extinção



cujos adultos podem chegar até a três metros de comprimento. Vários peixes marinhos desovam nos manguezais. Outros, como as tainhas, vem jovens do mar, entram no estuário e crescem até sua fase adulta, quando retornam ao mar em cardumes, e lá se reproduzem. As marisqueiras que me ensinaram sobre os meros passam parte do seu dia catando sururus na lama dos mangues, ou a cavoucar os bancos de areia semisubmersos em busca do marisco-pedra. Outra boa parte de seu dia elas passam em casa a descascar e cozinhar os mariscos coletados.

O solo do manguezal é rico em matéria orgânica e pobre em oxigênio. Os caranguejos-uçá e outros caranguejos, como os pequenos xiés, produzem com seus buracos dutos de ar por dentro deste solo, favorecendo a proliferação da vida. O alimento dos uçás são folhas caídas das árvores de mangue. Ao comê-las, eles produzem pequenos fragmentos de folhas em decomposição, que fertilizam a lama do mangue. Estes fragmentos também escorrem para a água, alimentando larvas e juvenis de vários tipos de organismos.

A lama do mangue é uma substância viva. Fazem parte dela incontáveis tipos de algas, bactérias e fungos, que interagem com animais e plantas macro e microscópicos. Ao atravessar a lama do mangue, habitamos um coletivo que pulsa no ritmo das marés.

Diferentes grupos humanos habitam os manguezais em todo o mundo. No litoral do Sul e Sudeste do Brasil se encontram vestígios arqueológicos de povos remadores que vivam nas áreas estuarinas e se alimentavam de animais dos manguezais, a chamada civilização dos sambaquis. Esses povos desapareceram bem antes da chegada dos portugueses e pouco se sabe sobre eles.

No Nordeste colonial os manguezais constituíam uma área intersticial nos meandros da monocultura escravista canavieira. Vários dos rios dos manguezais foram usados para o transporte da produção dos canaviais costeiros até os portos, e algumas das florestas foram parcialmente cortadas para produção de lenha para os engenhos ou para o uso nas cidades.

Para além desse uso colonial, os manguezais representaram lugares de refúgio, de livre acesso e de busca de alimento para uma população de afrodescendentes e indígenas, em condições livres ou de escravizados, que com ele produziram diferentes modalidades de



relação. Esta relação permanece até hoje, para grupos sociais que descendem destes povos: atualmente os pescadores do litoral nordestino se caracterizam basicamente por serem populações de ascendência afro-indígena. Assim, há diversas terras indígenas e territórios quilombolas reconhecidos no litoral nordestino. No Recôncavo Baiano, por exemplo, grande parte das comunidades pesqueiras se identifica como quilombola. Para essas comunidades litorâneas, a relação com o manguezal é uma referência de vida e também uma garantia de segurança alimentar.

Na região costeira entre as cidades de Recife e João Pessoa, durante o período colonial, haviam engenhos de cana, aldeias tabajaras, potiguaras, canindés e de outros grupos, e aldeamentos indígenas impostos pelos missionários. No século XVIII havia também um grande complexo quilombola, o Quilombo do Catucá (Carvalho, 1991). Malunguinho, como eram conhecidas as lideranças deste quilombo, é uma entidade que atualmente se manifesta nos rituais afro-brasileiros da Jurema Sagrada.

Um pescador que acompanhei em minhas pesquisas pelos manguezais do Rio Goiana, na divisa entre Pernambuco e Paraíba, me contou que ele e seus irmãos nasceram em uma ilha no meio aos manguezais, chamada de Ilha de Catucá. Esse pescador passava por volta de seis a oito horas por dia, seis vezes por semana, imerso no manguezal. Ensinou-me que é preciso andar silenciosamente pelo manguezal, se benzer ao entrar e sair, e dizia que não se podia falar o nome “cobra” ou se referir nominalmente a qualquer espécie de serpente. Tomado de cuidados, dizia que conhecia o manguezal como se fosse sua casa.

Se os manguezais eram e são sustento e liberdade para a população afro-indígena, nas cidades o poder oficial performou uma verdadeira guerra contra os manguezais. Metrôpoles importantes do Brasil como Rio de Janeiro, Recife, Salvador, Aracaju, Vitória e Florianópolis têm largas áreas construídas pelo aterro dos manguezais e outras áreas alagadas. Como afirma o antropólogo James Scott (2017), o processo de drenar e aterrar terras alagáveis se relaciona à imposição civilizatória de governabilidade do Estado sobre os territórios.

A historiadora Isabella Puente de Andrade, em sua dissertação de Mestrado, narra a história da cidade de Recife do período entre 1930 e 1950, colocando os manguezais em



primeiro plano (Andrade, 2019). Ela conta que os manguezais da cidade da cidade foram a todo momento tratados como inimigos pela administração pública por um viés higienista. Em um primeiro momento, eram percebidos como foco de doenças, emanadores de vapores virulentos. Em um segundo momento, os manguezais eram combatidos também por abrigar moradias precárias da população mais pobre, os mocambos. Neste período, a Liga Social Contra os Mocambos justifica os aterros pelos prejuízos à estética da cidade causados pela população mais pobre da cidade (Nascimento, 2016). O progresso viria da apropriação capitalista das áreas aterradas por meio da especulação imobiliária.

O termo bantu *mocambo* pode ser definido, no Brasil, como “conjunto de moradias precárias construídas sobre áreas pantanosas”. Mas outra definição possível é “o de moradia de negros refugiados da escravidão”, sinônimo de *quilombo*. A vida precarizada das populações negras nos interstícios da cidade-estuário do Recife constituiu mocambos nos manguezais. Os manguezais onde mocambos se instalavam eram áreas florestais indomadas da cidade, povoadas de caranguejos e outros animais e crescentemente contaminadas pelo despejo de esgoto sem tratamento. Recebiam também doses periódicas de resíduos da indústria da cana-de-açúcar, provenientes dos canaviais do interior. Em Recife, a teimosia do mangue em resistir produzindo vida foi convergente e convivente com a mesma teimosia resistente da população negra e indígena de Pernambuco.

Foi Josué de Castro, estudioso da fome como índice da desigualdade, o primeiro intelectual a trazer o manguezal ao primeiro plano da teoria social no Brasil. Em seu romance “Homens e caranguejos”, escrito no exílio da ditadura militar, Josué fabula a vida de uma população periférica dentro dos manguezais de Recife, entre enchentes, formas de organização política e, por fim, de apocalíptica repressão estatal (Castro, 1966).

Minha experiência com os habitantes dos manguezais contemporâneos do Nordeste brasileiro me produzem um estranhamento com a imagem que Josué de Castro produz para os homens-caranguejos, espumando de fome junto com os caranguejos na beira do rioⁱⁱ. Entretanto, coube a ele, a partir de sua sensibilidade e memórias de infância, perceber os manguezais como um ambiente de abundância, um refúgio para uma



população sujeita sistemicamente à condição de miséria num contínuo processo colonial. Em “Documentário do Nordeste”, Josué diz que “o mangue é um camaradão. Dá tudo, casa e comida: mocambo e caranguejo” (Castro, 1959).

Na Recife da década de 1990, o movimento cultural mangue-beat revisita e revitaliza as ideias de Josué de Castro em sua estética musical, recuperando a imagem do homem-caranguejo não como vítima da fome, mas como protagonista antropofágico de uma revolução popular afro-indígena e urbana. Nas músicas da banda Chico Science e Nação Zumbi a árvore *Rizophora mangle* se torna Risoflora, musa de um homem-caranguejo que promete se regenerar; Recife se torna Manguetown, “onde a lama é a insurreição”; onde “só tem caranguejo esperto saindo deste manguezal”. O mocambo contemporâneo é a “minha casa, onde os urubus têm asas” onde o eu-lírico homem-caranguejo segue “pintando, segurando as paredes no mangue do meu quintal”. Com a poluição contínua dos manguezais remanescentes do processo de aterramento, Chico Science avisa que o mangue contaminado está presente na paisagem olfativa da cidade, pois “ninguém foge ao cheiro sujo da lama da Manguetown”, assim como a pobreza da cidade não deixa impunes as classes altas: “ninguém foge a vida suja dos dias da Manguetown”.

A região metropolitana de Recife, apesar dos esforços estatais históricos e sistemáticos em contrário, mantém ainda uma área considerável de manguezais. Apesar da poluição das águas e da pressão imobiliária, há ainda na região diversas comunidades que dependem dos sururus, mariscos, peixes e camarões dos manguezais que teimam em existir nos interstícios da cidade (Silveira, 2018). Seus manguezais são um exemplo extremo, perspicazmente percebido pelos artistas do mangue-beat, de coexistência entre forças de precarização e contaminação e forças de abundância e vitalidade.

A precarização da vida nos manguezais é característica dos tempos que vivemos. Estes tempos tem ganhado muitos nomes: Antropoceno, Capitaloceno, Plantationceno (Haraway, 2016). Esses nomes falam de um período em que forças de dominação e padronização procuram colonizar e destruir as paisagens, os povos, as espécies e todo tipo de relação outra, com consequências irreversíveis, inclusive geológicas, com as quais teremos que lidar. A antropóloga Anna Tsing diz que uma das coisas que emerge no Antropoceno é uma *diversidade contaminada*, em um processo de “adaptação colaborativa em ecossistemas de perturbação humana. Emerge como os detritos da



destruição ambiental, da conquista imperial, dos fins lucrativos, do racismo e da norma autoritária - assim como o devir criativo. Nem sempre é bonita, mas é quem somos e o que temos disponível para parceria numa terra habitável” (Tsing, 2019, p.23). Os mangues do fim do mundo fazem parte do mundo onde teremos que reaprender a viver.

Aprendi a andar através da lama dos manguezais nos últimos três anos, acompanhando caranguejeiros em seu trabalho, nos estados da Paraíba, Pernambuco, Bahia, Piauí e Maranhão.ⁱⁱⁱ Aprendi que as atividades dos caranguejeiros, marisqueiras e outros pescadores exigem um engajamento e uma fina sintonia com os ritmos e relações vitais que acontecem no manguezal (Ingold, 2000). Aprendi que os pescadores se tornam o que são *com* o mangue (Haraway, 2003), e que cada manguezal se constitui como a paisagem que é, por meio de múltiplas relações, incluindo a humana.

Ao andar através da lama dos manguezais, aprendi também sobre outros perigos, antropocênicos. O perigo de se contaminar com resíduos químicos retidos em meio à lama, ou adoecer pelo esgoto doméstico, industrial ou hospitalar que desce com a água. O perigo de trabalhar sobre antigos dutos danificados de um poço de petróleo em meio ao manguezal (Silveira e Buti, 2020), ou de ser atacado por um cão de guarda ao passar por uma área apropriada por uma fazenda de cacau; ou de levar um tiro ao acessar tanques de criação industrial de camarão instalados sobre a lama. Aprendi também sobre o perigo de se ter o acesso ao mangue impedido por cercas, ou por regras legais que atribuem ao pescador o ônus da ameaça de extinção das espécies que sofrem, como ele, das mesmas forças devastadoras. Aprendi que o manguezal é uma arena de conflitos cosmopolíticos. Nestes conflitos, chocam-se um mundo onde o manguezal, com suas próprias regras, é um pressuposto ontológico, com outro mundo que aponta como caminho civilizatório aterrar, contaminar, simplificar, subjugar, cercar e governar.

No fim de três anos de caminhadas pela lama, quando pensei que já sabia muito sobre o mangue (o momento anterior a perceber que pouco se sabe), aprendi que no momento em que uma grande mancha de petróleo aparece repentinamente contaminando todo o litoral, quem se mobiliza de corpo e alma para não deixar a contaminação adentrar os estuários são os próprios habitantes do estuário, e não o poderoso e negligente poder central. Aprendi também que é preciso seguir em frente e lidar com a incerteza de saber das consequências do desastre, e que o único indicador que se terá é a própria resposta



do manguezal e do corpo contaminado. Aprendi, enfim, que na paisagem dos manguezais já se convive há tempos com a notícia de uma guerra injusta do fim do mundo.

Nos próximos anos, com a subida do nível das marés, os manguezais terão de se deslocar entre a linha do mar, que se eleva, e o litoral densamente ocupado. As previsões do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC) indicam que os manguezais são candidatos a sobreviver, não sem mazelas, às mudanças climáticas de um futuro próximo (Alongi, 2015). A contaminação e os novos aterramentos não estão nessa conta. Essa foi uma última coisa que aprendi recentemente: sobre o poder de regeneração dos manguezais. Vi por todo lado, em minhas caminhadas, propágulos de mangue vermelho chegarem boiando a áreas desmatadas e se fixarem na lama. Ouvi relatos de um pescador na cidade de Recife que já tinha plantado, sozinho, mais de 2000 mudas de mangue. Vi imagens de satélite da área de uma fazenda de camarão que foi abandonada e em poucos anos era novamente uma floresta de mangue. Peguei caranguejos em um manguezal crescido sobre um antigo tanque de peixes. Aprendi, assim, que o manguezal pode rebrotar sobre as ruínas dos empreendimentos capitalistas. Aprendi, sobretudo, que os manguezais do fim do mundo são habitados por especialistas, humanos e não-humanos, na arte de enfrentar os fantasmas e monstros do antropoceno (Tsing *et. al.*, 2017), capazes de produzir paisagens ainda abundantes ao habitar mundos precarizados.

Bibliografia

Alongi, Daniel M. The Impact of Climate Change on Mangrove Forests. **Curr Clim Change Rep** 1, 30-39, 2015.

Andrade, Isabella P. **“Filhos da lama e irmãos de leite dos caranguejos”**: as relações humanas com o manguezal no Recife (1930-1950). Dissertação de Mestrado em História. Universidade Federal de Pernambuco, 2019, 176 pp.

Carvalho, Marcus J. M. O quilombo do Catucá em Pernambuco. **Cadernos CRH**, n. 15, p. 5-28, 1991.

Castro, Josué. **Documentário do Nordeste**. São Paulo: Brasiliense, 1959.

Castro, Josué. **Homens e caranguejos**. São Paulo: Brasiliense, 1967.

Gosh, Amitav. **Maré Voraz**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2005.

Haraway, Donna. **The companion species manifesto: dogs, people and significant otherness**. Prickly Paradigm Press, 2003.



Haraway, Donna, Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes. *ClimaCom* n. 3, v. 5, pp. 139-146, 2016.

Ingold, Tim. *The perception of the environment*. Londres, Routledge, 2000.

Nascimento, Bruno. **Entre a “mendigópolis” e o “Recife Novo”**: reforma urbana, higiene e políticas de saúde para as mulheres no governo de Sérgio Loreto (Pernambuco 1922-1926). Dissertação de Mestrado em História, UFRPE, 2016.

Scott, James C. **Against the Grain: A Deep History of the Earliest States**. New Haven, 2017

Silveira, Pedro C. B. Jacas, sururus e tanajuras nas dobras da cidade. **Revista Coletiva - Diversidade Socioambiental** n.1, 2018. Disponível em <www.coletiva.org/diversidade-socioambiental>

Silveira, Pedro C. B. e Buti, Rafael P. A vida e a morte dos guaiamuns: antropologia nos limites dos manguezais. **Anuário Antropológico** n. 45, v. 1, pp- 117-148, 2020.

Tsing, Anna L. **Viver nas Ruínas: paisagens multiespécies no antropoceno**. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.

Tsing, Anna L.; Swanson, Heather; Gan, Elaine; Bubandt, Nils. **Arts of living on a damaged planet**. Minneapolis, University of Minnesota Press, 2017.

Recebido em: 01/05/2020

Aceito em: 05/06/2020

i Pesquisador da Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj) em Recife, PE; professor do Programas de Pós-graduação de Sociologia em Rede (ProfSocio/Fundaj) e do Programa de Pós-graduação em Antropologia (PPGA-UFPE); doutor em Ciências Sociais e Mestre em Antropologia pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

ii Josué de Castro atribuía uma condição deletéria à vida dos habitantes do mangue. A expressão *homens-caranguejos* em sua obra era mais que uma metáfora do subdesenvolvimento. A vida *com* os caranguejos era, segundo ele, a vida *como* um caranguejo. Os caranguejos, portanto, faziam parte do processo de socialização dos catadores, ao mesmo tempo em que constituíam seus próprios corpos: “a lama dos mangues do Recife, fervilhando de caranguejos e povoadas de seres humanos feitos de carne de caranguejo, pensando e sentindo como caranguejos” (Castro, 1966, p. 24). A ênfase na vida precária dos catadores reflete a preocupação de Josué de Castro com a situação de fome que se abatia sobre os excluídos da estrutura econômica do Brasil. Os homens-caranguejos seriam, nas palavras do autor, uma sociedade “economicamente também anfíbia, pois que vegeta nas margens ou bordas de duas estruturas econômicas, (...) a estrutura agrária feudal e a estrutura capitalista” (Castro, 1966, p. 16). Essa abordagem, entretanto, se



por um lado tornava os catadores de caranguejo (e a fome) objetos de preocupação social, por outro lado os colocava numa situação de passividade, de ausência de protagonismo causada pela fome e pela miséria, que, na alegoria formulada por Josué, os igualaria aos caranguejos com quem viviam em simbiose.

ⁱⁱⁱDurante o projeto de pesquisa “Ecologia política da pesca de crustáceos em manguezais do Nordeste brasileiro” (Fundaj).